

# humanitas



Vol. LXII  
2010

### **Da Fortaleza de Sesimbra a Epidauro um percurso da peça «O Rancor, exercício sobre Helena»**

O curso de pós-graduação que frequentei no Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra foi uma exaltante experiência de aprendizagem e de convívio e é à luz dele que continuo a usufruir de experiências riquíssimas sob o patrocínio da professora Doutora Maria de Fátima Silva a quem jamais mostrarei gratidão bastante. Na qualidade de estudante daquele Instituto pude frequentar, em Epidauro, no ano de 2003, um curso de Verão organizado pela European Network of Research and Documentation of Performances of Ancient Greek Drama. Fazer parte integrante daquele grupo de jovens universitários numa multiplicidade de vivências partilhadas com organizadores infatigáveis e com os mais ilustres Helenistas de diversas Academias resultou num acervo de privilegiadas memórias que sempre alimentam o desejo de um regresso.

Em boa hora os dirigentes da Network decidiram abrir um Fórum triannual para os antigos participantes. A um chamado destes nunca há que dizer «não». Em 2007 lá acorri com uma comunicação sobre a minha peça «Desmesura», uma Medeia cuja especificidade eu intuí numa noite em que assisti ao ensaio de uma «Electra» no teatro de Epidauro. Em 2010 regresssei para apresentar a encenação feita por São José Lapa, com Alberto Lopes, sobre o meu texto «O Rancor – exercício sobre Helena». A peça foi levada à cena no espaço do grupo que a actriz-encenadora lidera no Espaço das Aguncheiras, um terreno espaçoso pouco distante do Cabo Espichel. A estreia teve lugar na Fortaleza de Sesimbra.

Com poucos recursos – após dez anos de tentativas de a produzir em colaboração com instituições financiadas -, São José Lapa montou um espectáculo de absoluta fidelidade ao texto, sem qualquer corte ou adaptação. O clima brutal de Esparta e do pós-guerra foi traduzido por uma certa rudeza e ostentação na caracterização das personagens. A actuação tinha início ao fim da tarde e terminava já noite cerrada, o que proporcionava um impressionante efeito cenográfico. O grupo enfrentou com grande coragem e dedicação um texto longo, quase insuportável de tanta informação sobre as ocorrências mitológicas que nele se cruzam. Pareceram-me heróis, os intervenientes, heróis muito mais dignos do que aqueles que interpretavam na peça.

Foi sobre isto que falei à pequena assembleia de Epidauro. O Grupo das Aguncheiras tinha, a meu pedido, preparado uma apresentação em vídeo

com excertos do seu trabalho em ambos os cenários e com declarações dos actores. São José Lapa realçava o facto de que tudo fora realizado sem dinheiro, sem qualquer subsídio – o que impressionou a assistência. Houve alguns comentários e perguntas a este respeito. Esse vídeo encontra-se disponível no site [espacodasaguncheiras.pt](http://espacodasaguncheiras.pt), sob a rubrica «vislumbres do Rancor».

As visitas a Epidauro nunca se limitam ao episódio de uma comunicação. Desde a descoberta da gruta ao sul de Salamina em que Eurípides se refugiava para escrever até à conferência – diria com mais acerto à lição – de Peter Sellars que, no pequeno anfiteatro à beira-mar, inaugurou um novo pensamento sobre os Gregos, passando pela descoberta de grutas sagradas na encosta norte da Acrópole e até mesmo pela desilusão do espectáculo de doze horas de Peter Stein no Pireu, tudo aquilo que decorre de estarmos sobre o solo e sob o céu da Grécia é algo de terrível e de maravilhoso, algo que determina muito da forma de viver subsequente.

HÉLIA CORREIA

### **Jaime Rocha, um dramaturgo em Epidauro**

Em Julho de 2010, o dramaturgo Jaime Rocha participou no Forum de Teatro Clássico de Epidauro – Ancient Greek Drama – com uma comunicação sobre a sua peça «Filoctetes, A Condição do Guerreiro», uma versão do *Filoctetes* de Sófocles. Ligado ao Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra, o escritor havia já participado enquanto aluno no Curso de Verão de 2003, realizado em Epidauro, ano dedicado ao estudo da *Oresteia* de Ésquilo e de *As Tesmofórias* de Aristófanes e que teve como orientadores, entre outros, a Prof. Maria de Fátima Silva e o Prof. Platon Mavromoustakos.

Foi nesse ano, durante o curso, que Jaime Rocha se entusiasmou com a personagem de Agamémnon e que, ao longo das discussões sobre a peça de Ésquilo, foi amadurecendo a ideia de partir para um projecto de reescrita de alguns mitos gregos. Curiosamente, no ano seguinte foi convidado para escrever, em conjunto com outros dramaturgos europeus, uma versão actualizada da *Odisseia* de Homero para a juventude.

Este projecto, produzido pela organização Magic-Net, subsidiada pela União Europeia, discutido e concebido em Salónica, na Grécia, e estreado em 2005, em Baden, na Suíça, trouxe de novo ao escritor o desejo de